

ANTROPOLOGIA DA MORTE

PRAIA DAS LARANJEIRAS: UM ESTUDO DE CASO

*Pedro Ignácio Schmitz**

*Ivone Verardi**

RESUMO: Numa aldeia litorânea da tradição ceramista Itararé, no litoral central de Santa Catarina, escavada por Pe. João Alfredo Rohr, S.J., os autores buscam entender o ritual e a ideologia da morte nos 114 sepultamentos recuperados. Os corpos foram sepultados fletidos, dentro das habitações, ao longo das paredes.

Neste trabalho não queremos propor um novo método de estudar os sepultamentos, mas apresentar alguns dados sobre a sociedade, a vida e a identidade inferidos de sepultamentos de uma escavação ampla. Muitos outros dados são possíveis, sobre a biologia, a alimentação e o uso do corpo, para citar só alguns temas, mas exigem o estudo de especialistas, que não tínhamos.

Como o espaço e o tempo disponíveis são reduzidos, só indicaremos os elementos principais, ficando o resto para a publicação da monografia sobre o sítio, a qual deverá sair em Pesquisas, Antropologia, 1994.

Em 1977 e 1978 Pe. João Alfredo Rohr, S.J. escavou, na Praia das Laranjeiras, município de Balneário Camboriú, SC, uma extensão considerável de um estabelecimento litorâneo com cerâmica de tradição Itararé (ROHR 1977, 1978a, 1978b, 1982, 1984, material e documentos originais). São 500 m², que representam aproximadamente a metade de uma aldeia relativamente estável, cuja população vivia da caça, pesca e coleta marinhas, da caça na Floresta Atlântica e possivelmente de alguns cultivos. A cronologia tentativa para a ocupação ceramista é colocada entre 800 e 1.300 d.C. (sítio da Praia da Tapera, SILVA e outros, 1990; sítio de Forte Marechal Luz, BRYAN 1977; e sítio Base Aérea, ROHR 1959), faixa de tempo em que populações do

* Instituto Anchieta de Pesquisas / UNISINOS, São Leopoldo, RS.

planalto, semelhantes aos Kaingáng, teriam invadido o litoral (NEVES 1984), deixando ali um número representativo de sítios.

O ambiente em que se encontra o assentamento é uma pequena baía isolada, com uns 750 m de extensão, da qual uma parte é praia arenosa, fechada por trás e pelos lados por morros escarpados do sistema da Serra do Mar. A faixa de areia de antiga praia, sobre a qual se acha o sítio, era coberta por vegetação de restinga, ao passo que os morros, que o circundam, estavam cobertos pela floresta atlântica.

A aldeia que, no norte, começava junto à praia, no limite máximo da maré alta e, a leste, praticamente encostava num pequeno córrego, que drena os morros, teria uns 50 m ao longo do mar e um pouco mais de 30 m em profundidade (norte-sul). A espessura da camada arqueológica raramente atingia um metro e era composta de húmus com areia, restos de alimentos esparsos, artefatos, fogões, fornos subterrâneos e sepultamentos. O terreno sobre o qual se encontrava tinha uma leve inclinação para o mar, de modo a escoar as águas das fortes chuvas da região. Os morros, que formam semicírculo pelos lados e a retaguarda, a defendiam dos ventos frios do sul e a protegiam também de outras populações da mesma ou de outras etnias.

A aldeia mostrava-se estruturada, apresentando a leste um claro espaço construído, formado por diversas habitações, próximas umas das outras; apresentava, a oeste, um agrupamento de fogões e fornos subterrâneos; e tinha junto ao mar (norte) um depósito de lixo mais ofensivo, constituído por conchas de ostras, cascos e espinhos de ouriços do mar, ossos de baleia e refugo de lascamento. Ossos de baleia ocupavam ainda um espaço perto de um conjunto de fornos e fogões, numa posição afastada da praia e oposta à área construída.

As estruturas mais visíveis da parte escavada do sítio eram os 114 sepultamentos. Calcula-se que uma quantidade parecida de outros enterramentos poderia ter sido destruída pelo proprietário do terreno, quando desaterrou a outra metade do sítio.

No estudo dos sepultamentos buscaremos retirar informações a respeito da sociedade, da vida e da identidade do grupo.

Apesar de perfeitamente acomodados ao litoral, os antigos moradores não pertenceriam às populações tradicionais da costa marítima, que chamamos de sambaquianas, mas aparentemente seriam invasoras que teriam vindo do planalto (NEVES, 1984), seriam fisicamente se-

melhantes aos Kaingáng (Marília de Mello e Alvim, com. pes.), partilhariam com as populações de origem uma cerâmica, denominada pelos arqueólogos de tradição Itararé.

Os sepultamentos que deixaram os aproximam de outros grupos ceramistas da tradição Itararé estabelecidas no litoral e os separam de tradicionais moradores pré-cerâmicos. Suas características são as seguintes:

Os esqueletos acham-se tipicamente dispostos, formando densos alinhamentos ao redor de espaços vazios (sem esqueletos, nem fornos subterrâneos ou fogões), dando a entender que se encontram depositados ao longo das paredes internas das habitações, que eram de material perecível e não deixaram restos. O maior desses conjuntos, com 30 sepultamentos, apresenta-se como um grosseiro retângulo, com aproximadamente 8 m de diâmetro. Há outros conjuntos, que mostram o mesmo alinhamento, mas sem tanta clareza quanto à forma total do espaço ocupado. Também neles se encontram numerosos esqueletos: 25, 12, 12, 9, 7, 5, 4.

Cada um desses conjuntos tem crianças e adultos de ambos os sexos, insinuando que a população inteira da casa era ali enterrada, mas sem espaços diferenciados para crianças e adultos. Há muito poucos corpos sepultados fora desses espaços estruturados, na proximidade do lixo ou entre lugares de fogo; apenas 7. Entre eles estão 4 indivíduos maduros, um do sexo feminino e 3 do sexo masculino, que receberam tratamento especial.

Os corpos eram enterrados fletidos, ou semifletidos, geralmente deitados sobre o lado direito, menos freqüentemente sobre o esquerdo e com a orientação do corpo aproximadamente norte-sul, isto é da praia para o interior, estando a cabeça mais freqüentemente para o norte, isto é, a praia. Os 4 indivíduos acima, que estão enterrados do lado de fora das casas, encontram-se numa orientação diferente, oeste-leste, com a cabeça para o oeste. — A orientação aproximadamente norte-sul da quase totalidade dos indivíduos não se deve unicamente à disposição das paredes das habitações, que teriam, de preferência, orientação da praia para o interior, estando abertas para a praia; isto é manifesto naquela habitação que tem mais sepultamentos, porque mesmo os corpos que estão junto à parede paralela à praia, mantêm a posição norte-sul, com o que ficam transversais à parede.

A flexão geral dos membros, a disposição de alguns membros em particular e a posição às vezes diagonal do corpo em relação à superfície do terreno, com a cabeça mais baixa que o resto do corpo, sugerem que os corpos não eram enterrados nus, mas envoltos em esteiras, redes e outros trançados.

Não se percebem preparações especiais da cova, como uma forração do interior, que era hábito de populações pré-cerâmicas locais, nem coberturas para os mortos; faz exceção um dos homens maduros enterrados fora de casa, que está coberto por uma grande mandíbula de baleia, que o defenderia de uma maré muito alta, visto encontrar-se exatamente no limite desta.

Também não se nota um acompanhamento funerário expressivo e distintivo entre os adultos: só 16 dos 78 adultos (20.5%) têm algum acompanhamento; este pode variar de 3 pontas iguais de projétil, um dente de tubarão tintureiro (mulheres), amolador, vértebras de peixe perfuradas, restos de esqueletos animais (homens), dentes perfurados de tubarão, de mamíferos marinhos e terrestres, ossos de animais, lâmina de machado, seixos ou fragmentos de cerâmica (adultos com sexo não determinado).

Das 36 crianças e indivíduos jovens, 8 (22.2%) têm objetos associados, consistindo principalmente de pequenos conjuntos de dentes perfurados, de mamíferos ou de tubarão (5 casos), um colar de 114 conchinhas de *Olivella* sp (um caso), um pequeno seixo perfurado (um caso), uma pequena tigela emborcada em cima do crânio (um caso).

Os esqueletos também nos informam sobre a mortalidade da população: dos 114 indivíduos enterrados 32.5% morreram como crianças ou jovens com menos de 20 anos, 67.5% como adultos. Entre os adultos, cujo sexo e faixa etária foram determinados (58.4% do total) por Walter Alves Neves (fichas individuais no arquivo de Rohr), os homens ocupam 57.8% contra 42.2% das mulheres; 64.4% morreram como adultos (20 a 29 anos), 33.3% como maduros (entre 30 e 49 anos) e apenas um senil (50 anos ou mais). Dos 15 maduros, 11 eram do sexo masculino (73.3%), contra 4 do sexo feminino (26.7%) e o único senil é masculino. Isto quer dizer que das 19 mulheres, que chegaram ao estado adulto, só 21% atingiram uma idade maior que 29 anos, ao passo que dos 26 homens que chegaram ao estado adulto, 42.3% atingiram uma idade maior que 29 anos e um deles atingiu ao

menos 50 anos. Uma longevidade maior dos homens foi observada também nos sítios do Corondó e do Tenório (MACHADO 1992) e outros sítios do litoral (PROUS & PIAZZA, 1977) entre outros.

Estes são os principais dados, para os quais procuramos compreensão.

Constatamos, primeiro, que estamos diante de uma aldeia estruturada, onde os sepultamentos delimitam o espaço das habitações individuais e o conjunto do espaço construído, o qual representa a função de abrigo, proteção e intimidade; contrapõe-se, por um lado, ao espaço do fogo, o qual representa a cozinha, a iluminação e o encontro, e contrapõe-se, ainda, ao espaço do lixo coletivo, lugar de evitação.

Apesar de ser uma aldeia com as habitações muito próximas umas das outras e os espaços aparentemente integrados num uso comum (o espaço do fogo e da lixeira coletiva), os mortos continuam sendo guardados nas suas respectivas casas, não num cemitério coletivo, sugerindo uma sociedade segmentada.

Pelo número de mortos em cada habitação e pelo tamanho das moradias, temos nítida impressão de que se trata de casas coletivas de famílias extensas.

Os mortos de uma mesma residência não apresentam diferenças, nem na forma de deposição, nem no acompanhamento funerário, pobre, heterogêneo e ocasional, sugerindo que não existe hierarquização das pessoas por sexo, idade ou mérito. O mesmo se observa na totalidade da aldeia, reforçando a idéia de que o assentamento era composto pela junção de várias famílias extensas, ou agrupamentos semelhantes, sem uma chefia reconhecida, que teria direito a um sepultamento mais destacado.

O acompanhamento funerário das crianças se mostra mais unitário, sendo composto mais freqüentemente de adereço formado por alguns dentes de variados mamíferos marinhos e terrestres, ou de tubarão, que, além de enfeites, poderiam funcionar como amuletos. Mas é muito pequeno o número desses imaturos, que vêm enfeitados.

Um fato intrigante constituem os quatro indivíduos maduros, enterrados fora das casas. Qualquer hipótese para explicar esta distinção é prematura; poder-se-ia, entretanto, pensar em velhos rejeitados pela

família, pessoas originárias de outras aldeias, indivíduos que tivessem exercido certas ocupações, não bem absorvidas pela comunidade; ou sepultamentos anteriores à estruturação da aldeia na forma definitiva.

O fato de os mortos se sobreporem ao longo das paredes pode indicar duas coisas: a permanência das casas por um tempo mais longo do que normalmente se aceita para aldeias desse tipo, ou a sua reforma ou reconstrução no mesmo local, reforçando a idéia da composição da aldeia por famílias extensas ou agrupamentos semelhantes com grande autonomia. Sepultamentos alinhados em parte da área dos fogões sugerem deslocamento de casas por cima de parte da área de fogo, ou uma reestruturação da aldeia.

O não acompanhamento de instrumentos de trabalho nos indivíduos adultos, por ocasião da morte, poderia indicar um uso bastante comum dos bens da comunidade familiar.

Os mortos deveriam ser representados na imaginação coletiva como ainda pertencentes à família, razão por que recebem um tratamento extremamente simples; a família não se muda quando os corpos se acumulam ao longo das paredes, deixando para os vivos apenas o centro da habitação e a porta de saída; provavelmente os vivos se aglomeravam da mesma forma na casa. Como eles não ocupam locais especiais nem na casa, muito menos num cemitério comunitário, possivelmente também não teriam tido um culto especial, nem um ritual elaborado, nem na família, nem na comunidade.

A orientação praia-interior certamente faz parte do seu mundo de representações: estaria lembrando a sua migração do interior para o litoral? O que representaria então a orientação oeste-leste dos quatro indivíduos maduros, enterrados fora de casa?

O modo típico de enterrar os mortos, da população da Praia das Laranjeiras, certamente chocaria os moradores mais antigos do litoral, como os da Armação do Sul (SCHMITZ e outros 1992), cujos falecidos eram enterrados em posição estendida, geralmente cobertos de pigmentos vermelhos e com oferendas, em covas mais trabalhadas, mas sem agrupamentos típicos e, provavelmente, não dentro das habitações.

Pelo contrário, o seu modo de tratar os mortos provavelmente seria considerado familiar pelos moradores dos estratos superiores do

Forte Marechal Luz (BRYAN 1977) e de Enseada I (BECK 1974), da mesma etnia e invasores como eles (NEVES 1984), provavelmente seus parentes, que usavam a mesma cerâmica e enterravam os mortos fletidos. Se dentro ou fora de casa, os arqueólogos não chegaram a definir.

Alguma semelhança eles achariam com os costumes dos moradores da Praia da Tapera (SILVA e outros 1990), que usam uma cerâmica parecida, mas já parecem mestiços dos invasores com populações antigas do litoral (NEVES 1984). Os sepultamentos mais antigos dessa aldeia ainda se realizavam ao longo das paredes internas de casas, menores, circulares e os corpos estavam estendidos. Já depois de certo tempo os mortos passam a ser enterrados fora de casa, em cemitérios domiciliares, que agrupariam os membros de uma família nuclear; neste segundo tempo também se percebem diferenças nas sepulturas de certas pessoas, sugerindo um começo de hierarquização.

ABSTRACT: Anthropology of dead. Praia das Laranjeiras: a study of case — In a litoral village of the Itararé Ceramic Tradition, in the Santa Catarina coast-line, escavated by Pe. João Alfredo Rohr, S.J., the authors intend to understand the ritual and ideology of death in the 114 burials recovered. The bodies were met in a flexed way, inside the dwellings, along the walls.

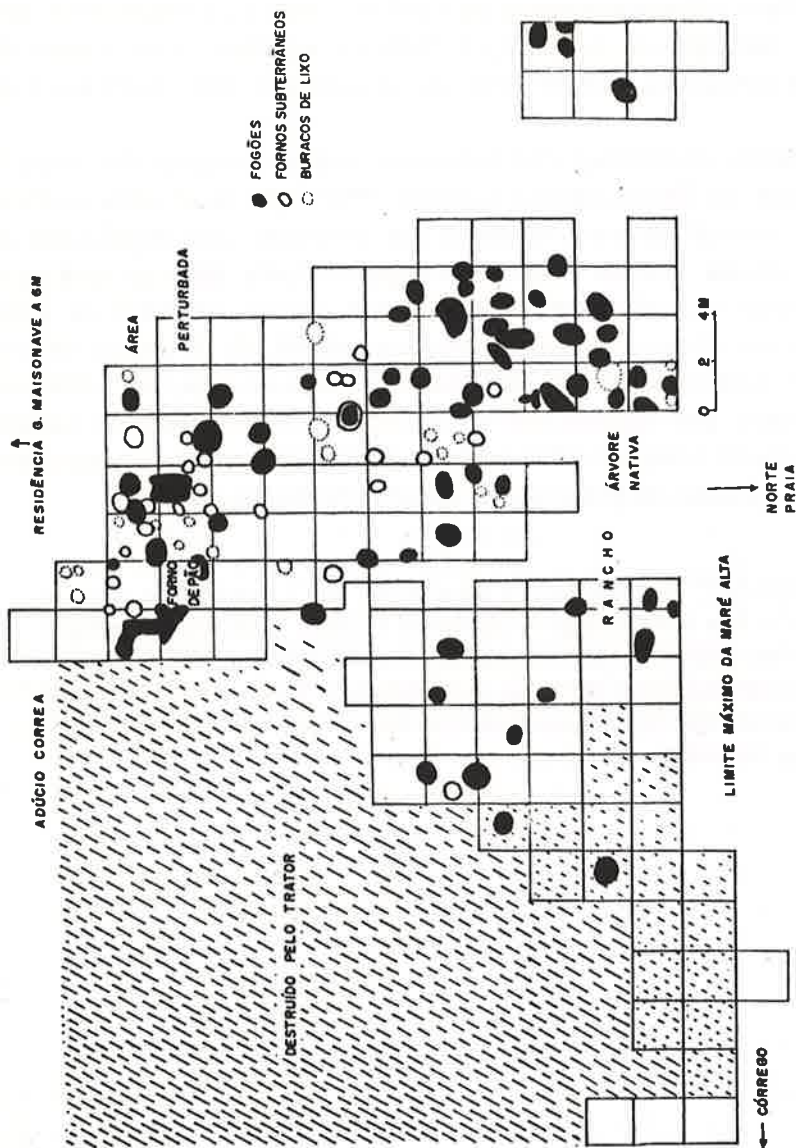


Figura 1 — Praia das Laranjeiras II. Área do sítio, mostrando parte destruída pelo trator e a parte escavada, com a distribuição dos fogões, dos fornos subterrâneos e dos buracos de lixo.

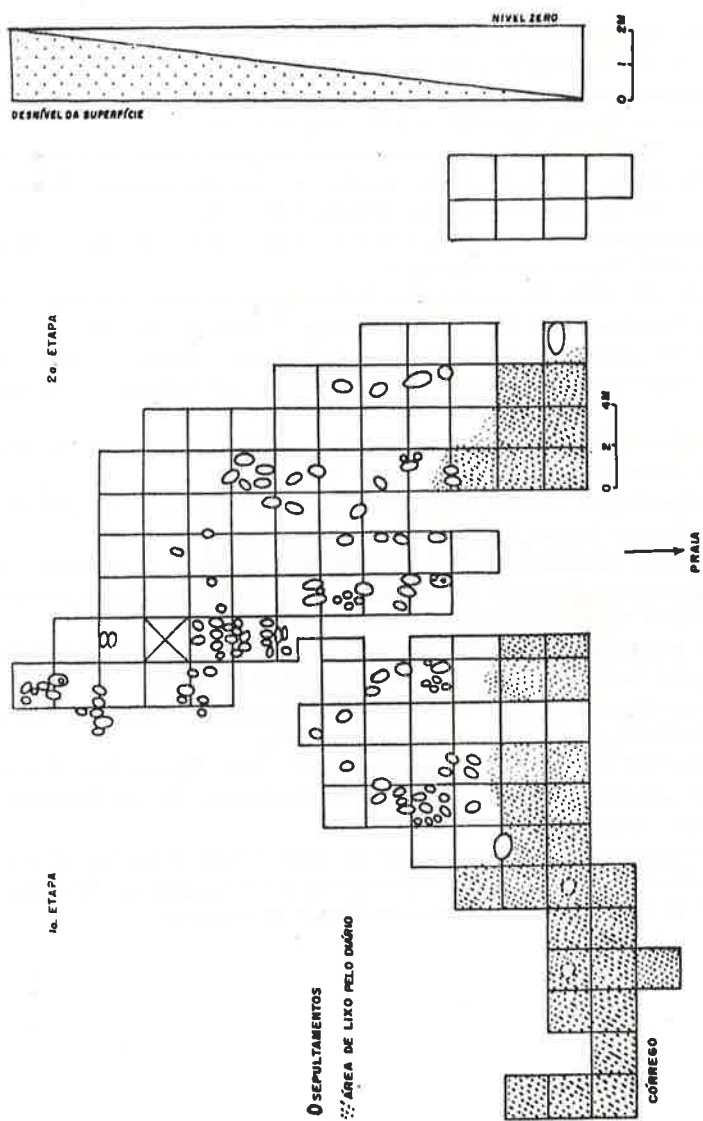


Figura 2 — Praia das Laranjeiras II. Área escavada do sítio, mostrando a distribuição dos sepultamentos..

Bibliografia Citada

- BECK, A. 1974. *O sambaqui de Enseada I (SC.LN.71): um estudo de tecnologia pré-histórica*. Florianópolis: UFSC. Tese de Livre Docência.
- BRYAN, A.L. 1977. Resumo da arqueologia do sambaqui do Forte Marechal Luz. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG* 2:9-30. Belo Horizonte.
- MACHADO, L.C. 1992. Paleodemografia e saúde em perspectiva populacional. in ARAUJO, A.J.G. de & FERREIRA, L.F. coord.: *Paleopatologia & Paleoepidemiologia. Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. p. 87-93.
- NEVES, W.A. 1984. *Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (PR e SC)*. São Paulo: USP. Tese de doutoramento.
- PROUS, A. & PIAZZA, W.F. 1977. *Documents pour la Préhistoire du Brésil Méridional. 2. L'État de Santa Catarina*. Paris: Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud 4.
- ROHR, J.A. S.J. 1959. Pesquisas páleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina I. A jazida da Base Aérea de Florianópolis. *Pesquisas* 3:199-266. Porto Alegre: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- _____. 1977. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras — Balneário de Camboriú, SC. *Notícias para os Nossos Amigos* 133:24-28. Porto Alegre.
- _____. 1978a. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras — Balneário de Camboriú, SC. *Notícias para os Nossos Amigos* 139/140:62-66. Porto Alegre.
- _____. 1978b. Escavações de salvamento no sítio da Praia das Laranjeiras — Balneário de Camboriú, SC. In: *Jornada Brasileira de Arqueologia I*. Mimeografado. Rio de Janeiro.
- _____. 1982. Auf den Pfaden der Archaeologie: Bei Katharinensem vor 3.000 Jahren... Die Archaeologische Fundstaette von "Praia das Laranjeiras" — Badstrand Camboriú, SC. *Jahrbuch der Familie*. Porto Alegre, p. 164-170.
- _____. 1984. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras — Balneário de Camboriú. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC* 17:5-76. Florianópolis.
- SCHMITZ, P.I. e outros 1992. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Armação do Sul*. Pesquisas, Antropologia n.º 48. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.
- SILVA, S.B. da 1990. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani*. Pesquisas, Antropologia n.º 45. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas.